



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 09, pp. 39984-39989, September, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.19837.09.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE CABELOS CACHEADOS: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA

¹Mônica da Silva Cruz; ²Graça Regina Campos Braga; ³Ilza do Socorro Galvão Cutrim
and ⁴Marize Barros Rocha Aranha

¹Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão –UFMA

²Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão –UFMA e Professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Maranhão.

³Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão –UFMA.

⁴Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, Professora do Curso de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão –UFMA

ARTICLE INFO

Article History:

Received 17th June 2020

Received in revised form

23rd July 2020

Accepted 06th August 2020

Published online 23rd September 2020

Key Words:

Cabelos, História, Práticas discursivas.

*Corresponding author:

Mônica da Silva Cruz You

ABSTRACT

Análise arqueológica de discursos em anúncios relativos a cosméticos para cabelos cacheados. Os anúncios são entendidos como práticas discursivas que, do ponto de vista dos estudos foucaultianos, são elementos que têm espessura histórica, têm condições específicas de existência, e possuem regras próprias de funcionamento e de circulação. A pergunta a que se propôs responder foi: que regras de formação, que poderes e saberes pavimentam os anúncios de produtos para cabelos cacheados? Os resultados da análise demonstraram que, como práticas discursivas, os textos avaliados atualizam saberes sobre o corpo da mulher negra, apresentando-o como espaço que precisa ser moldado para se adequar a uma visibilidade imposta pelo mercado da beleza, na sociedade contemporânea. Os saberes que formam as práticas discursivas analisadas se relacionam ao campo da economia, da química e da medicina.

Copyright © 2020, Mônica Da Silva Cruz You et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Mônica da Silva Cruz; Graça Regina Campos Braga; Ilza do Socorro Galvão Cutrim and Marize Barros Rocha Aranha. 2020. "Práticas discursivas sobre cabelos cacheados: uma análise arqueológica", *International Journal of Development Research*, 10, (09), 39984-39989.

INTRODUCTION

Sabe-se que uma das lutas encampadas pelas mulheres negras na atualidade é a aceitação de seus corpos, em uma sociedade ainda fortemente pavimentada em referenciais originados no corpo branco europeu. Uma dimensão dessa luta situa-se em relatos sobre aceitação dos cabelos crespos ou cacheado das mulheres negras, assunto que se tornou objeto de estudos em diferentes áreas de investigação (GOMES, 2006; BRAGA, 2008). Neste artigo, analisa-se a questão do ponto de vista discursivo com base em anúncios de produtos para cabelos crespos e cacheados. O referencial teórico-metodológico situa-se em estudos foucaultianos do discurso, segundo os quais o discurso se forma arqueologicamente e tem sua unidade constituída de modo disperso, no tempo e no espaço. Os anúncios serão tratados como prática discursiva, que tem

condições específicas de existência, tem materialidade, possui regras às quais o sujeito que enuncia deve respeitar, quando nela se insere (FOUCAULT, 2010). Para Foucault (2010), as práticas discursivas se movimentam em enunciados e circulam segundo regras de formação específicas de um momento. Elas não podem ser analisadas isoladamente, pois estão interligadas a outras práticas (discursivas ou não discursivas) de ordem econômica, política, cultural entre outras. O trabalho intenta responder ao seguinte questionamento: que regras de formação orientam a prática discursiva de anúncios de produtos para

cabelos cacheados? Que redes de poder e saber, sentidos, relações históricas, étnico-raciais se inscrevem em dizeres sobre o corpo da mulher negra e repercutem nos enunciados selecionados? Além dos estudos do discurso, de orientação foucaultiana, acionam-se pesquisas desenvolvidas pelos campos da História e da Antropologia. A metodologia é de

natureza qualitativa e como procedimento metodológico elegem-se dois anúncios de cosméticos para cabelos cacheados, usando-se como ferramenta de busca o Google. O texto divide-se em três sessões. Na primeira, apresentam-se perspectivas da análise dos discursos de matriz foucaultiana (FOUCAULT, 2010); em seguida, descrevem-se aspectos históricos da representatividade do cabelo em culturas africanas no período pré-colonial e os efeitos do discurso do branqueamento na forma de aceitação dos cabelos das pessoas negras no período pós-abolição. Por fim, analisam-se dois anúncios de produtos para cabelos cacheados, buscando compreender relações históricas, de saber e poder inscritas nessas práticas discursivas.

Perspectivas dos estudos foucaultianos do discurso: Do ponto de vista dos estudos foucaultianos, analisar discursos representa uma possibilidade de revelar “as práticas discursivas em sua complexidade e em sua densidade; mostrar que falar é fazer alguma coisa – algo diferente de exprimir o que se pensa, de traduzir o que se sabe, e, também, de colocar em ação as estruturas de uma língua”. (FOUCAULT, 2010, p.234). Trata-se de demonstrar que nos enunciados produzidos em uma sociedade, em certa época, há relações complexas que implicam condições que vão além de uma situação, de um contexto, ou de motivos. Essas relações são guiadas por regras históricas de construção que o analista deve buscar compreender. A proposta de analisar os discursos por meio de uma descrição arqueológica consiste, em linhas gerais, em dirigir o olhar para as práticas discursivas de uma sociedade com o intuito de entender a correlação entre diferentes enunciados, dispersos no tempo e no espaço. Esse tipo de análise tem por objetivo verificar regularidades presentes em uma prática discursiva que é exercida por enunciados que sucedem ou por alguns que a precedem. Essas regularidades consistem em um conjunto de enunciados que obedecem a regras de formação discursiva que lhe deram a possibilidade de virem à tona. Reforça-se que, para Foucault (2010), as práticas discursivas se ligam ao discurso, por não corresponderem apenas a um conjunto de signos que remetem a representações ou a conteúdos, pois os signos são práticas que criam as coisas. O discurso, nesse nível de análise, é um conjunto de enunciados que não apenas dão nome às coisas, eles produzem-nas, como práticas que constroem sistematicamente os objetos de que falam.

A visada arqueológica do discurso é composta por elementos entre os quais se destacam aqui o *a priori* histórico, o arquivo, as formações discursivas, o enunciado e o sujeito. Cada um desses elementos contribui para a formação dos discursos. Nas bases dessa análise está a busca das relações do dizer com a história. As relações históricas permeiam a formação discursiva (FD), elemento da cadeia arqueológica do discurso que define o que pode e o que deve ser dito pelo sujeito, em dada situação. Uma FD é constituída por enunciados entendidos como unidade central do discurso. Nessa esfera, o sujeito insere-se e torna-se sujeito a partir da posição de onde ele enuncia. O enfoque arqueológico também permite observar que os discursos não surgem ao acaso, eles aparecem segundo certas possibilidades dadas pelo *a priori* histórico, que segundo Foucault (2010), corresponde a condições da realidade dos enunciados, a lei da sua coexistência com outros. Esse elemento instaura a forma específica do modo de ser de um enunciado, os princípios segundo os quais ele subsiste, transforma-se e desaparece. O *a priori* histórico é o que permite observar que “os enunciados têm uma história”, e uma

“história específica que não o reconduz às leis de um *devenir* estranho”. (FOUCAULT, 2010, p.144). Nesse âmbito, não se pode pensar qualquer coisa, a qualquer momento, sem que se esteja cercado por regras sobre o que pensar.

Associado ao *a priori* histórico encontra-se o arquivo, entendido nos estudos foucaultianos como sistemas de enunciados que geram regras reguladoras do surgimento de uma multiplicidade de discursos. Situado no campo do enunciável, o arquivo está “entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecerem regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. É o sistema geral da formação e da transformação de enunciados”. (FOUCAULT, 2010, p.147). No cerne do arquivo encontra-se o enunciado, elemento amplamente explicado na obra *Arqueologia do saber*. Essa unidade não se trata de uma estrutura, mas de “uma função de existência que pertence exclusivamente aos signos e a partir da qual se pode decidir em seguida pela análise ou pela intuição se eles fazem sentido ou não”.

Sua análise permite identificar as regras que definem sua relação com outros, a que âmbito ela pertence, que sentido ela instaura. (FOUCAULT, 2010, p.98). O enunciado é uma função exercida por um sujeito, entendido como uma posição, uma “função vazia” que pode “ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos”. (FOUCAULT, 2010, p.105). A fase arqueológica, primeira fase dos estudos de Michel Foucault, foi expandida posteriormente e demandou a abertura de uma segunda fase das suas investigações, chamada genealógica. Essa fase se constituiu quando o autor percebeu algumas limitações da análise das relações entre discursos, muito ligadas à dimensão dos saberes. Dessa forma, na genealogia, o autor redimensionou sua percepção sobre o objeto discursivo e passou a analisar o exercício dos micropoderes no campo dos discursos, lançando seu olhar para espaços como o corpo e a arquitetura. Esse momento da obra de Foucault ficou reconhecido como fase genealógica e nela o autor desenvolveu conceitos relevantes para a análise do *corpus* deste estudo.

Foucault (1999), no livro *Vigiar e Punir*, aponta a complexa engrenagem de exercício de poder que se instaura na sociedade ocidental, a partir do século XVII, a qual tem como alvo principal a disciplina dos corpos, em sua relação com os saberes. O conceito de poder trazido por Foucault, nesse momento, liga-se a um conjunto complexo de relações que ocorrem em diferentes níveis da sociedade. Ele se estabelece tanto na dimensão microcapilar das ações dos sujeitos quanto em dimensões maiores da sociedade, como ocorre nas operações das estruturas do Estado. Nessa obra, o autor prioriza análises discursivas que acontecem em sua relação com tramas institucionais e práticas sociais, extrapolando o campo do signo verbal, refletindo sobre a produção dos sujeitos por meio de uma ortopedia tempo-espacial, que também produzia saberes a respeito de grupos sociais específicos, como operários, estudantes, presidiários, soldados (MUCHAIL, 2004). Por esse caminho, o francês concluiu que as práticas sociais de uma época resultam de discursos eivados de poderes, que se dispersam e constituem o sujeito, em todos os níveis da sua existência, inclusive em seus corpos. O sujeito, por esse viés, é uma construção de práticas discursivas

e não discursivas. Existem várias maneiras de produzir subjetividades, segundo o autor, e neste artigo discute-se a produção realizada principalmente pela disciplina corporal, que, conforme Foucault (1999), nem sempre acontece por intermédio de coerção física, mas por meio de um “saber” sobre o corpo. Nessa esfera, compreender anúncios de cosméticos para cabelos cacheados como prática discursiva que põe em evidência uma história do corpo da mulher negra exige compreender o espaço corporal como lugar de ação de um poder que age por meio de práticas discursivas e não discursivas, de diferente natureza.

O cabelo afro: ressonâncias de um signo cultural: Elemento relevante para as mulheres, os cabelos recebem destaque e assumem simbologias fortes em várias sociedades ao longo da história da humanidade. Estudos antropológicos já ressaltaram a importância dada aos cabelos em rituais de povos primitivos, em que os cabelos estavam associados ao conceito de poder, força e atração física (DAL’PIZZOL; PSCHIEDT; MOSER; MACHADO, 2013). Entre os povos cujos cabelos representavam enorme valor simbólico nas relações sociais estão os africanos. Gomes (2006) afirma que em parte das culturas africanas o estilo de cabelo indicava a origem geográfica dos indivíduos, assim como sua idade, religião, estado civil, identidade étnica, condição financeira e sua posição social. Por meio do estilo de penteado, o africano, homem ou mulher, buscava atrair o sexo oposto. O penteado também era sinal de rito religioso, pois, por meio dele, muitos africanos expressavam suas crenças. Ao estar na posição mais alta do corpo, o cabelo seria o elemento humano mais próximo do céu, sendo considerado um comunicador com deuses e espíritos. Com o período da escravização, entre as formas de violência sofridas pelo negro estava a raspagem da cabeça. Para o escravo, isso representava uma mutilação do corpo, haja vista que muitos grupos étnicos concebiam o cabelo como marca de identidade e dignidade. Então, da saída da África à chegada a colônias europeias, a relação dos homens e mulheres negras com o seu cabelo se modifica, abrangendo “a recriação de penteados africanos, passando por uma estilização própria do negro no Novo mundo, até os impactos do branqueamento”. (GOMES, 2006, p. 21).

O contato com o homem branco europeu fez oscilar a importância que o negro africano atribuía aos seus cabelos, pois nesse contexto se fortalece o discurso de inferiorização do corpo negro face ao valor positivo dado à pele branca e dos cabelos lisos e loiros. Ferreira (2009) explica que os valores do indivíduo negro africano foram, nesse contato, sistematicamente associados a características negativas, até mesmo antes do processo de colonização, orquestrado por um discurso de branqueamento, criado pelo homem eurocêntrico. O autor pontua que a “ideologia do branqueamento” reflete-se, entre outros exemplos, nas narrativas de ‘limpar o sangue’, por meio de sucessivos casamentos entre negros e brancos.” (FERREIRA, 2009, p.42). A esse respeito, Domingues (2002, p.566) enfatiza que “o branqueamento é uma das modalidades do racismo¹ à brasileira. No pós-abolição, este fenômeno era retratado como um processo irreversível no país.” Estimava-se que com o casamento entre brancos e negros, (colocar uma vírgula) em 50

e 200 anos o país teria uma extinção da população de negros. Assim, esse discurso constituiu o arquivo da história dos negros no Brasil, impondo regras de enunciar o que era ser negro.

Inseridos no *a priori* histórico que trazia o branqueamento como verdade, os afrodescendentes se veem em conflito entre a aceitação e a rejeição dos seus cabelos. Essa oscilação ocorreu pela emergência de discursos que conceberam o cabelo do negro como traço de inferioridade racial, mas visto antes como representação de poder e realeza (GOMES, 2006). Na chegada do século XX, o discurso do branqueamento já estava cristalizado em diferentes camadas sociais. Contrário ao sentimento de violência por que passaram em séculos anteriores, muitos afrodescendentes já não se identificavam com o próprio cabelo, por isso, “quando o cabelo do negro era muito duro ele mandava raspar a cabeça, para dizer que era descendente de índio”. (LOPES, 2011, p. 55). No caso das mulheres, o alisamento com ferro quente passou a ser um procedimento bastante utilizado para esconder as raízes africanas. Nesse período, os discursos que testificavam a inferioridade do cabelo afro sofreram remodelagens, mas não desapareceram, e nesse ponto, a mídia prestou grande contribuição, divulgando produtos específicos para cabelo crespo ou cacheado. Oferecidos no mercado sempre com a promessa de “melhorar” a aparência dos fios crespos por meio do efeito de “amolecimento”, esses produtos reafirmavam sutilmente a superioridade do cabelo liso em relação ao cabelo crespo ou cacheado. A circulação do branqueamento como verdade da época provocou a invenção de diferentes técnicas de alisamento, ao longo século XX, entre eles o uso de pente quente, cremes alisantes, toucas de gesso etc. Essa concepção, vale lembrar, era constantemente reforçada por práticas discursivas do campo publicitário, conforme explica Lopes (2011, p.79): “[...] entre os anos 20 e 30, a exigência dos cabelos lisos era constante nas reportagens e anúncios publicitários”. Pontua-se que emergência das técnicas e produtos químicos de alisamento do cabelo afro traz para o centro da discursividade sobre os cabelos crespos formações discursivas ligadas ao campo científico.

Opostos ao discurso de desvalorização do negro, no século XX, irrompem nesse arquivo discursos de enaltecimento dessa cultura. Figueiredo (2016, p.26) dá conta de que, no Brasil, nos anos 1970, aparece um movimento de valorização da cultura dos negros africanos e uma estética particular que almejava “romper com o padrão de beleza branco vigente”. A autora afirma também que na década de 1980 e no início dos anos 1990 eram mais comuns encontrar pessoas com o cabelo sem nenhum tipo de alisamento, embora as técnicas continuassem existindo. Para ter um cabelo liso, além dos alisantes, as mulheres usavam uma touca de gesso composta por uma mistura de farinha de trigo e tioglicolato de amônio. Assim como a soda cáustica, presente em produtos alisantes, a amônia foi considerada muito nociva à saúde, surgindo daí a relação desses produtos com formações discursivas ligadas ao campo da saúde. Mesmo os alertas sobre o perigo de usos de tais elementos químicos, nesse momento, emergiu outra forma de alisar os cabelos - o “relaxamento”, com a proposta de “soltar” os fios, sem modificar muito a estrutura dos cachos. Muitas mulheres deixaram, então, de usar alisantes químicos, com receio de perder os cabelos ou terem algum comprometimento na saúde, pois, de acordo com Lopes (2011, p. 34), o governo federal dos Estados Unidos, de onde a maioria dos alisantes era importada para o Brasil, “colocou a maquiagem, em geral,

¹O racismo, na visão de Almeida (2018, p.24), corresponde a uma “forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento”, podendo se materializar em práticas conscientes ou inconscientes que geram “desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem”.

sob regulamentação e aboliu o uso de ingredientes danosos nos produtos e nos anúncios fraudulentos”. A autora destaca que, ainda assim, muitas mulheres sobrepõem o propósito de serem belas e joviais aos males provocados pelas substâncias e persistem na busca por alternativas que mantêm o brilho, o movimento e o aspecto sedoso dos cabelos. Percebendo isso, a indústria de cosméticos investe fortemente em produtos com cremes menos agressivos, mas que mantêm o cabelo sob um regime de disciplinamento rigoroso, bastando, para isso, conferirem-se os rótulos de produtos capilares ou propagandas desse segmento.

Nesse breve percurso histórico sobre práticas de alisamento de cabelos cacheados ou crespos observa-se que o cabelo liso imperou, por muito tempo, como signo absoluto de beleza, entre as mulheres no Brasil. Entretanto, não se pode deixar de pontuar que essas técnicas se desenvolveram ao tempo em que outros acontecimentos, dispersos na história, eclodiam e, de um lado, havia uma discursividade hegemônica que impunha leis sobre as formas de usos de cabelos da população negra, de outro, surgiam lutas dos negros pela liberdade e pela igualdade de seus direitos no mundo todo, bem como circulavam discursos sobre inclusão e diversidade cultural, ratificadas pela proposta de globalização da economia (HALL, 2006). Também surgiam processos de “empoderamento” das mulheres, discursos insuflados por movimentos feministas de variada vertente, evidenciando questões raciais, e outras pautas relacionadas ao corpo das mulheres. Esses distintos acontecimentos se constituíram inevitavelmente catalizadores das discussões sobre o corpo da mulher negra e compuseram o arquivo sobre a cultura dessa mulher. Longe de tentar estabelecer esses fatores como causa suprema das transformações do padrão de beleza capilar da negra na atualidade, considera-se que tais fatos contribuíram em alguma medida para a formação de discursos sobre o corpo negro como corpo bonito, sem referências ao corpo da mulher de origem branca. Assim surgem os discursos sobre a beleza do cabelo crespo ou cacheado, dentro de uma complexa teia de saberes e poderes. Entre os poderes dessa teia está a indústria de cosméticos, a qual, para projetar sentidos sobre o cabelo mais adequado para um grupo de pessoas, juntamente com a mídia e a ciência, aciona processos de significação sobre o corpo negro feminino em enunciados que vendem os produtos. Para compreensão mais pontual dessa realidade, na próxima seção, apresentam-se análises de dois anúncios de produtos cosméticos para cabelos crespos ou cacheados.

Uma análise de práticas discursivas sobre cabelos cacheados: Para esta análise, selecionaram-se, em um site de busca e em um site de comércio eletrônico de produtos para cabelos, dois anúncios que se mostram como práticas discursivas que visam o disciplinamento dos cabelos cacheados. Como critério de seleção, elegeram-se enunciados que demarcavam, em algum grau, a noção de disciplina dos cachos, por meio de palavras como “controlar”, “fixar”, “domar” e outras palavras que remetem ao campo semântico da obediência a uma ordem. O primeiro anúncio a ser analisado foi extraído do *Google imagens*, e optou-se em não expô-lo integralmente por questões ligadas a direitos de imagem da marca. Essa publicidade é composta por uma imagem central de uma boneca, de traços afrodescendentes, como pele negra, cabelos muito cacheados e volumosos. Nas bordas superiores do anúncio, aparecem os enunciados verbais, foco desta análise: “Pq você não alisa?”, “Tira o volume”, “Tá feio assim”, “Prende esse cabelo”. Na parte inferior do texto surge a

afirmação: “Quando a sua opinião for creme você me dá”. Os enunciados verbais que compõem a publicidade em tela não propõem explicitamente um disciplinamento, mas pode-se inferi-lo a partir da expressão que sugere o uso de creme, pois os cremes para cabelos são utilizados para manter a uniformidade dos cachos, para que não se mostrem desalinados.

O sujeito desses enunciados, aqui compreendido conforme os estudos de Foucault, é uma posição que enuncia a partir de uma formação discursiva, a qual define ao sujeito o que pode e deve ser dito. O que se observa nesses enunciados é a presença de uma subjetividade, aparentemente, opõe-se à formação de discursos veiculadora da seguinte verdade: cabelos volumosos e cacheados são considerados feios e não condizem com o padrão de beleza vigente. Assim, em “Pq que você não alisa?”, “Tira o volume”, “Tá feio assim” e “Prende esse cabelo” o sujeito que enuncia sugere não se filiar ao discurso que põe como padrão de beleza o cabelo liso, cujos fios são naturalmente “comportados”. Entretanto, logo abaixo, ao enunciar “Quando sua opinião for creme você me dá” esse sujeito, que parece criticar anteriormente a ditadura do cabelo liso, impõe a condição de receber creme para cabelo em troca de aceitar a opinião sobre os cabelos volumosos. Ao propor essa condição, o sujeito se alinha àqueles que acatam o discurso de um padrão para esses cachos, pois é necessário usar cremes, produtos que “modelam” as madeixas, não as deixando aparecer como elas são naturalmente. Dessa forma, o enunciado que adere ao uso do creme de cabelo propaga o discurso da indústria de produtos para cabelos cacheados e propaga um regime de visibilidade e aceitação desses cabelos. Assim, o sujeito do enunciado instaura alianças com duas formações discursivas: uma delas que prega a beleza dos cabelos crespos e cacheados e a outra que retoma memórias de outras discursividades que consideram o disciplinamento necessário a esse tipo de cabelo. Ressalta-se que, para Foucault (2010), o sujeito não é um indivíduo, mas um lugar onde é possível encontrar várias verdades de uma sociedade. Não se pode, contudo, atribuir a ele o que está sendo dito, pois o sujeito apenas atualiza discursos muitas vezes já proferidos. Essas retomadas são possibilidades geradas pelo *arquivo*, isto é, sistemas de enunciados que ensejam o surgimento de uma gama de discursos. Foucault (2010) afirma que há no discurso um suporte histórico, que o considera como espécie de materialidade que permite ou proíbe sua realização. Lembrando que, na história concebida por esse estudioso, os acontecimentos não são compreendidos em uma sequência temporal linear, sem interrupções. A história, para o filósofo, é formada por múltiplas rupturas, em que um acontecimento é regido por normas de aparição, regras do que pode ser dito ou não. Assim, compreende-se que no arquivo constituinte do sistema de regras que possibilitaram a aparição dos enunciados anteriormente apresentados há a atualização de discursos que determinaram um padrão de beleza para os cabelos e nesse padrão o cabelo cacheado não se enquadraria.

A história retomada nesses enunciados não é a de registros da história tradicional, mas isso não significa que as práticas que se materializaram nesses discursos tenham ocorrido fora dela, pois se observou anteriormente que o discurso que exclui os cabelos da mulher afro-brasileira de um padrão de beleza, em dado momento, foi consubstanciado no período da escravidão e reforçado com o surgimento da República. Retornando ao anúncio anteriormente citado, identifica-se uma regularidade discursiva entre os enunciados da publicidade marcada por um

apelo ao disciplinamento dos fios, que pode ser identificado no campo semântico de verbos no modo imperativo, como: “alisa”, “tira o volume”, “prende”, signos que sugerem a padronização dos cabelos segundo o molde dos fios lisos. De certo, Foucault não faz menção ao disciplinamento dos cabelos em sua obra, mas afirma que o saber e o poder sobre o corpo determinam como o espaço corporal deve ou não circular. Nos próximos enunciados, nota-se, também, a regularidade de um discurso que propaga a disciplina dos cachos. Nesse âmbito, encontram-se redes de palavras e sentidos que remetem à noção do “disciplinamento”. Observa-se que em meio aos discursos que promovem cabelos cacheados, o poder disciplinar atua, sub-repticiamente, valendo-se de enunciados que sugerem o comediamento ao formato dos cabelos com cachos, a exemplo da expressão *anti-frizz*, elemento que disciplina esse tipo de cabelo. Chamam-se *frizz*, no Brasil, os fios eriçados, que dão aspecto desalinhado aos cabelos e que, por isso, deve ser evitado. No anúncio abaixo, a máscara de tratamento é o recurso que irá combater os fios indesejados, pois ela “trata, combate o *frizz* e define”.

★★★★★	★★★★★
R\$ 247,90	R\$ 196,50 R\$ 153,50
3x de R\$ 82,63	3x de R\$ 51,17
Frete Grátis	
Máscara de tratamento para cabelos cacheados, indisciplinados volumosos. Trata, combate o <i>frizz</i> e define.	Kit de tratamento completo para cabelos ondulados, cacheados e crespos. Hidrata, modela e fixa os cachos.

Fonte: belezanaweb.com.br. Acesso em 17/7/2017

Figura 1. Indisciplinados, volumosos e com *frizz*

A ideia do “tratamento” no rótulo dos produtos manifesta a presença do saber médico nessa discursividade, fato que se repete no anúncio do “Kit de tratamento para cabelos ondulados, cacheados e crespos. Hidrata, modela e fixa os cachos”. Nesse anúncio, como no anterior, destaca-se que o repertório de palavras como “trata”, “hidrata” apresentam esses cabelos como frágeis, e que, por isso, precisam de tratamento, de hidratação, para entrarem na ordem de uma visibilidade aceitável. Outra observação a se fazer nesse anúncio são os sentidos da palavra *frizz*, que segundo afirma Olinto (2008), no Novo Dicionário Ilustrado de Inglês-Português, significa “cacho”, “ondulação”, “anel de cabelos frisados”; “encrespar” ou “frisar”. Assim, “combater o *frizz*” é lutar contra fios crespos ou contra os cachos, e, simbolicamente, significa também silenciar marcas da história de um povo.

O emprego de palavras como essas remete ao exercício de um poder disciplinar sobre os usos, a aparência e a forma de circulação dos cabelos cacheados ou crespos. Se a ideia de “indisciplinado” refere-se ao cabelo que deve ser dominado, o termo “combate”, em enunciados relativos ao cuidado desses cabelos sugere uma “batalha” com o cabelo que não pode ser volumoso, pois o volume surte efeitos “inaceitáveis” socialmente. Então, os enunciados da Figura 1 sugerem que ter o cabelo cacheado ou crespo é travar uma luta com certos padrões de beleza. Dessa forma, a palavra *frizz*, nesses anúncios, atenua a ideia de que o produto visa combater os efeitos “indisciplinados” do cabelo com anéis. Sobre essa ressignificação, um micropoder é operado, pois, nas palavras

de Foucault (1999, p. 120), o micropoder refere-se a: “pequenas astúcias dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeitos, dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, ou que procuram coerções sem grandezas [...]”. Observa-se que o emprego desses signos linguísticos, nos anúncios de produtos de beleza, legitima um poder disciplinar que penetra as mínimas práticas do cotidiano. Por isso, o sujeito não percebe, na maioria das vezes, que é modelado, vigiado, levado a assumir uma subjetividade que é pertinente ao poder manter. Ainda convém notar, nos enunciados selecionados, uma regularidade relativa às formações discursivas que os compõem. Elas, em geral, ligam-se ao campo normativo materializado pelos sentidos de palavras como “controla”, “combate”, “fixa”, conectando-se com formações discursivas do saber científico, voltado para a saúde, presentes em palavras como “nutre”, “hidrata”, “trata”, as quais sinalizam que as discursividades sobre os cabelos cacheados são orientadas por poderes que visam torná-los “normais”. Além dessas formações discursivas, não se pode deixar de pontuar que a economia, há muito tempo, e principalmente na atualidade, rege os saberes e os poderes na formação desses enunciados, definindo que mesmo os padrões de beleza de uma cultura, como um bem simbólico, não fogem da ordem econômica vigente.

Considerações finais: Este estudo demonstra que questões ligadas à dominação de um povo sobre outros, além dos aspectos econômicos que essa dominação propicia, forjaram a beleza da mulher branca como parâmetro de beleza de etnias africanas. Nessa senda, a indústria de cosméticos se habilitou para oferecer produtos que levassem mulheres negras se sentirem mais próximas de uma beleza considerada o padrão de embelezamento. Assim, abriu-se um mercado de produtos que prometiam a mulheres de cabelos com cachos a possibilidade de possuírem cabelos lisos, traço típico das mulheres brancas. Para a divulgação dessa verdade sobre os cabelos com cachos, inúmeras práticas foram inventadas, de pentes aquecidos a escovas à base de soda cáustica. Pela perspectiva da análise arqueológica, analisou-se, nos enunciados efetivamente ditos, o funcionamento de um disciplinamento da aparência da mulher afrodescendente por meio de discursos sobre o cabelo cacheado. Essa disciplina aconteceu de diferentes modos, em momentos distintos, contando com formações discursivas de distinta natureza. Assim, verificou-se que práticas sociais ligadas a aspectos culturais, religiosos, econômicos e científicos ditaram, e ditam ainda, formas de o cabelo com cachos ser apreciado. Na análise de anúncios observou-se que a história dos cabelos crespos ou cacheados é retomada, pois dotados de uma espessura histórica, esses enunciados demonstram que a disciplina dos cachos surge como regra própria de funcionamento discursivo desses anúncios. A análise demonstrou também que os anúncios, como práticas discursivas de um momento histórico, estão eivados de saberes e poderes relacionados ao campo da economia e ao saber médico. Esses saberes e seus poderes se articulam para tornarem os cabelos com cachos mais próximos de um padrão considerado “normal”.

REFERÊNCIAS

_____. *A mídia impressa na promoção de discursos sobre políticas de igualdade racial: o negro e a revista raça*. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas).

- Universidade de São Carlos: EdUFSCar, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5663>. Acesso em: 10 out. 2017.
- _____. *A Arqueologia do Saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2010.
- Almeida, Sílvia Luiz. *O que é racismo estrutural*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- Braga, Amanda Batista. *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Carlos: EdUFSCar, 2015.
- Dal'pizzol, Cidimara; Pscheidt, Luciane; Moser, Denise Kruger; Machado, Marli. História do Penteadado: uma revisão bibliográfica. 2013. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Cidimara%20Dal%E2%80%99Pizzol,%20Luciane%20Pscheidt.pdf>
- Domingues, Petrônio José. *Negros de Almas Brancas? A Ideologia do Branqueamento no Interior da Comunidade Negra em São Paulo, 1915-1930* *, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v24n3/a06v24n3.pdf>
- Ferreira, Franklin Ricardo. *Afro-descendente: Identidade em Construção*. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- Figueiredo, Ângela; CRUZ, Cintia. Representações sobre o cabelo, corpo e identidade das mulheres negras. In.: *Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.
- Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999
- Gomes, Nilma Lino: *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- Hall, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- Lopes, Maria Aparecida de Oliveira. *Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana*. 6. ed. São José: Premier, 2011.
- Muchail, Salma Tannus. *Foucault simplesmente: textos reunidos*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- Olinto, Antonio. *Novo Dicionário Ilustrado de Inglês: Inglês-Português, Português-Inglês*. 1. ed. São Paulo: DCL, 2008.
